

FRANCISCO TOPA

POESIA INÉDITA REUNIDA DO DIPLOMATA

SETECENTISTA D. VICENTE

DE SOUSA COUTINHO

Porto — 2000

Para a Zé

Depósito legal:

1587053/00

ISBN:

972-9869-2-3

Execução gráfica:

Helvética – Artes Gráficas, Lda.

ÍNDICE

Apresentação	11
Siglas e abreviaturas utilizadas	13
I. Introdução à vida e obra de D. Vicente de Sousa Coutinho	15
II. Inventário testemunhal dos poemas de D. Vicente Coutinho	21
III. Normas de transcrição dos poemas e critérios da edição	27
1. Opções de base	29
2. Normas de transcrição dos poemas	29
3. Apresentação do texto crítico e do aparato	32
IV. Edição crítica	35
1. Égloga <i>Já quando a estrela da manhã raiava</i>	37
2. Soneto <i>Em teu louvor, belíssimo Portento</i>	43
3. Soneto <i>De teus anos no círculo doirado</i>	44
4. Soneto <i>Em que medonho abismo estou metido?</i>	45
5. Soneto <i>Tenha-te o fado, ó Mânlio ilustre, isento</i>	46
6. Soneto <i>Aqui jaz nesta pedra ilustremente</i>	47
V. Bibliografia	49

APRESENTAÇÃO

Este trabalho sobre D. Vicente de Sousa Coutinho (1726-1792) resulta da reunião de uma série de dados que temos vindo a colher no decurso das nossas pesquisas sobre autores portugueses e brasileiros dos séculos XVII e XVIII. Poeta totalmente inédito, e portanto ignorado pelos bibliógrafos e historiadores, Sousa Coutinho é um nome importante da nossa história diplomática. Embaixador em Paris ao tempo da revolução, acompanhou os acontecimentos com uma sagesa que tem sido unanimemente reconhecida e que serviu de tema a dois alentados estudos recentes. Apesar disso, há aspectos importantes da sua biografia — e mesmo do seu percurso como diplomata — que aguardam ainda esclarecimento. A edição da obra poética que nos foi possível reunir representa assim um contributo para a superação dessas lacunas. Por outro lado, embora reconheçamos que se trata de um acervo escasso e que não se afasta da linha mais comum da nossa literatura arcádica, parece-nos que um trabalho como este, ao recuperar uma parcela do nosso tão desprezado património literário setecentista, pode fornecer elementos que contribuam para a revisão das generalizações apressadas que circulam sobre a literatura deste período.

Uma palavra sobre a estrutura da obra. Depois da apresentação das siglas e abreviaturas que utilizamos no decurso do trabalho, o livro abre com uma breve introdução à vida e à obra do autor, seguindo-se um inventário testemunhal dos seus poemas. No capítulo seguinte, apresentamos de forma esquemática as normas que seguimos na transcrição dos textos e expomos o modelo e os critérios da nossa proposta de edição crítica, que ocupará o capítulo IV. O volume encerra com uma bibliografia.

SIGLAS E ABREVIATURAS UTILIZADAS

BNL — Biblioteca Nacional de Lisboa

BPMP — Biblioteca Pública Municipal do Porto

Cod. — Códice (Série de manuscritos da Biblioteca Nacional de Lisboa)

f. — fólho

Ms. — Manuscrito

p. — página

**I. INTRODUÇÃO À VIDA E OBRA
DE D. VICENTE DE SOUSA COUTINHO**

1. Embora, como deixámos dito, se trate de uma personalidade importante da diplomacia setecentista, a biografia de D. Vicente de Sousa Coutinho não mereceu a atenção que tem sido dispensada à sua actuação como embaixador em Paris ao tempo da revolução. Estranhamente, historiadores que lhe dedicaram alentados estudos, como Maria Áquila Neves dos Santos (1970) e Manuel Cadafaz de Matos (Coutinho, 1990), nada dizem sobre a vida de Sousa Coutinho, não esclarecendo sequer o seu percurso diplomático.

O único trabalho que encontrámos que traça um esboço biográfico do nosso autor é a *Resenha das Famílias Titulares e Grandes de Portugal* (s.d.: I, 73), de Albano da Silveira Pinto. Será pois com base nesta obra que apresentaremos um conjunto mínimo de dados sobre a vida de D. Vicente Coutinho. Ficarão contudo por preencher algumas lacunas, que provavelmente poderiam ser superadas com uma pesquisa nos arquivos do Ministério dos Negócios Estrangeiros, tarefa que de momento está fora das nossas possibilidades.

De acordo com Silveira Pinto, o nosso poeta nasceu a 28 de Dezembro de 1726, sendo o seu nome completo Vicente Roque José de Sousa Coutinho de Meneses Monteiro Paim. Desconhece-se a sua naturalidade. Levando em conta os dados fornecidos pelo mesmo autor, D. Vicente seria uma figura de certo relevo na nobreza da época. Com efeito, foi Moço Fidalgo com exercício no Paço e 5.º Senhor do Morgado de Alva. Era ainda Comendador de Santa Maria de Campanhã, no Bispado do Porto, de Santa Maria de Gimonde, no Bispado de Miranda, de São Pedro das Comedeiras, do lugar dos Trinta, no Bispado da Guarda, todas da Ordem de Cristo; Alcaide-mor de Rio Maior, na Ordem de S. Bento de Aviz; Donatário da terra da Vila de Caim e seu Padroado; Padroeiro das Igrejas de S. Miguel de Mamouros, de S. Maria de Pequim e de S. Martinho d' Alva.

Quanto a funções públicas, foi Capitão do Regimento de Cavalaria de Dragões de Chaves, seguindo depois a carreira diplomática. As informações relativas a esta última faceta das actividades de D. Vicente Coutinho são lacunares: sabe-se apenas que foi enviado extraordinário na corte de Turim e embaixador em Paris. De acordo com uma anotação lateral no f. 18r do Cod. 11594 da BNL — testemunho que transmite a égloga «Já quando a estrela da manhã raiava» — a nomeação para o primeiro cargo terá ocorrido em 1752. Quanto às funções de embaixador em Paris, apenas pudemos apurar que em Janeiro de 1788 já as exercia.

Segundo Silveira Pinto, casou a 14 de Maio de 1750 com D. Teresa Vital da Câmara Coutinho, de quem teve uma filha, Isabel Juliana, nascida em 1753. Ficaria viúvo a 26 de Dezembro desse ano. Voltaria a casar a 27 de Maio de 1773, com D. Luísa Inês Isabel de Montboissier Beaufort de Canillac. Do enlace resultou um filho, Luís Roque, nascido em Paris, a 1 de Fevereiro de 1783, que viria a ser o 1.º Marquês de Santa Iria e 3.º Conde de Alva. D. Luísa viria a falecer a 19 de Janeiro de 1792, ocorrendo a morte de D. Vicente pouco depois, a 8 de Maio.

Da actividade poética de D. Vicente Coutinho não chegaram até nós testemunhos impressos. Também os bibliógrafos e historiadores o não mencionam entre os poetas da época. Apesar disso, dois dos testemunhos manuscritos que veiculam poemas seus¹ dão-no como membro da Arcádia de Lisboa, informação que não podemos refutar mas que nos parece altamente inverosímil.

2. Como já dissemos, a obra poética de D. Vicente de Sousa Coutinho que reunimos é bastante escassa, limitando-se a uma égloga e cinco sonetos. Embora não seja de excluir a hipótese de virem a ser encontrados outros textos, há que reconhecer que se trata de um poeta ocasional. Por outro lado, considerando os textos que editamos neste volume, somos também obrigados a admitir que a sua poesia não se afasta da linha mais comum da nossa literatura arcádica.

A convenção pastoril está quase sempre presente, vindo associada aos temas e motivos mais frequentes na literatura da época. Nos poemas de

¹ BNL, Cod. 11594, f. 18r e BPMP, Ms. 1129, p. 182.

orientação lírica, o sujeito exprime sobretudo o sofrimento amoroso, provocado pela inconstância da amada. Noutros momentos, converte a poesia em instrumento de expressão do seu amor, como se verifica no soneto «Em teu louvor, belíssimo Portento»:

Jurei que a minha Cítara somente,
Com vozes numerosas concertadas,
Cantaria teu nome eternamente. (v. 12-14)

Pouco interessantes são os sonetos de cariz circunstancial: «De teus anos no círculo doirado», provavelmente composto por ocasião de um aniversário natalício, e «Aqui jaz nesta pedra ilustremente», um texto fúnebre que supomos dedicado a Francisco de Melo e Castro, importante administrador ultramarino.

Do ponto de vista formal, a obra de D. Vicente Coutinho também não apresenta surpresas. A égloga é formada por decassílabos, agrupados em tercetos e numa quadra final, com um esquema rimático do tipo ABA e ABAB, respectivamente. Os sonetos seguem igualmente o modelo mais comum: o esquema rimático é sempre do tipo ABBA / ABBA / CDC / DCD, enquanto que, no que respeita à acentuação, predomina o decassílabo heróico, aparecendo ocasionalmente o decassílabo sáfico.

Apesar das restrições que lhe fomos colocando, estamos convencidos de que é útil esta edição da obra de D. Vicente de Sousa Coutinho, sobretudo pelo facto de, como deixamos dito, ao recuperar uma parcela do nosso esquecido património literário setecentista, fornecer elementos com interesse para a revisão da história e da crítica da literatura deste período.

**II. INVENTÁRIO TESTEMUNHAL DOS POEMAS
DE D. VICENTE COUTINHO**

Fazemos notar que na indicação dos testemunhos usaremos as siglas arroladas no início do volume. Em primeiro lugar, será apontada a biblioteca a que o testemunho pertence, em seguida virá indicado o número do manuscrito ou códice e depois as páginas ou fólhos em que o poema ocorre.

1. Égloga *Já quando a estrela da manhã raiava*

Testemunhos manuscritos

BNL, Cod. 11491¹, p. 101-109

BNL, Cod. 11594², f. 18r-19v

BPMP, Ms. 1129³, p. 182-187

2. Soneto *Em teu louvor, belíssimo Portento*

Testemunhos manuscritos

BNL, Cod. 8610⁴, p. 345

BNL, Cod. 11594, f. 20r

BPMP, Ms. 1129, p. 295

¹ O códice apresenta o seguinte título: «Obras Poeticas / Recopiladas do Entuziasmo / de / Varios Engenhos Modernos. / Lisboa / =1773=».

² Miscelânea poética que recolhe textos da segunda metade do século XVIII.

³ Cancioneiro poético que abarca composições do final do século XVIII.

⁴ O manuscrito tem por título «Collecção / de / Sonetos, / que se não achão / impresos, extra= / hidos dos ms. / antigos, e / moder / nos. / 1786».

Égloga

Autor: D. Vicente de Sousa Castro
Academico da Academia de Lyboa.
Com o nome de . . .

D. Vicente
de Sousa Castro
nome de bap.
vindo a Lyboa
em . . . de
1753.

Já quando a estrela da manhã raiava,
Pela parte do lado esquerdo abre o dia,
O ardente sol, que ainda crescenta e cresce,
E adivinha a luz, não tem poder
Romper a noite, e não se move
Que a alvorçada seja então cubria.
O Pastor Alfo, adivinha a luz,
Que adivinha a luz, e não se move
Fica ao lado a noite adivinha.
Triste adivinha a luz, e não se move
O adivinha a luz, e não se move
Com adivinha a luz, e não se move
O amor que cruelmente fez adivinha,
Com adivinha a luz, e não se move
O adivinha a luz, e não se move
E quando melancólico se para
No vale em que adivinha a luz,
Adivinha a luz, e não se move
Ve que o adivinha a luz, e não se move
Para adivinha a luz, e não se move
Pelo ser adivinha a luz, e não se move
Como este adivinha a luz, e não se move
Adivinha a luz, e não se move
Para o adivinha a luz, e não se move

Parte inicial da égloga «Já quando a estrela da manhã raiava» (Biblioteca Nacional de Lisboa, Cod. 11594, f. 18r)

3. Soneto *De teus anos no círculo doirado*

Testemunhos manuscritos

BNL, Cod. 8610, p. 346

BNL, Cod. 11594, f. 20r-20v

BPMP, Ms. 1129, p. 296

4. Soneto *Em que medonho abismo estou metido?*

Testemunhos manuscritos

BNL, Cod. 11594, f. 20v

BPMP, Ms. 1129, p. 297

5. Soneto *Tenha-te o fado, ó Mânlio ilustre, isento*

Testemunhos manuscritos

BNL, Cod. 11594, f. 20v-21r

BPMP, Ms. 1129, p. 298

6. Soneto *Aqui jaz nesta pedra ilustremente*

Testemunho manuscrito

BPMP, Ms. 1129, p. 299

Para terminar este inventário testemunhal, resta fazer um balanço. Arrolámos um total de 6 poemas — 1 égloga e 5 sonetos —, todos inéditos.

**III. NORMAS DE TRANSCRIÇÃO DOS POEMAS
E CRITÉRIOS DA EDIÇÃO**

1. Opções de base

Como se pode ver pelo capítulo anterior, a tradição dos poemas de D. Vicente de Sousa Coutinho, sendo pouco complexa, não é uniforme. Cada composição tem um leque testemunhal diferente, havendo uma que é transmitida por um único testemunho, enquanto que as outras são veiculadas por dois ou três.

Estas circunstâncias levam a que cada poema tenha de ser encarado como um caso individualizado. Relativamente àqueles que são transmitidos por vários testemunhos divergentes, resolvemos seguir a versão que, em confronto com as restantes, nos pareceu a melhor pelo facto de oferecer uma lição idónea e coerente para o texto em causa. Nesse processo, optámos por editar da forma mais próxima possível o testemunho escolhido como versão base, evitando a introdução de emendas, para que o produto final não fosse uma construção híbrida, resultante do contributo de testemunhos diversos. Apesar disso, não nos furtámos à responsabilidade de, em casos muito pontuais — todos devidamente assinalados e justificados — efectuar algumas correcções, quase sempre relacionadas com lapsos gramaticais ou com questões de pontuação.

O desejo de nos mantermos fiéis ao testemunho que em cada caso elegemos como versão base levou-nos também a evitar a normalização dos traços susceptíveis de terem repercussões fonéticas ou sobre outros aspectos da arte poética das composições.

2. Normas de transcrição dos poemas

Como é sabido, a ortografia desta época — sensivelmente a segunda metade do século XVIII — ainda não é uniforme. As oscilações são numerosas e nem sempre é fácil perceber se se trata de meras variantes gráficas. Assim,

e de acordo com as opções de base expostas no ponto anterior, actualizámos apenas os traços gráficos que não colocam dúvidas, procurando oferecer um texto crítico uno e fidedigno também do ponto de vista linguístico.

Vejamos então as normas de transcrição que adoptámos:

I. Vogais

1. Normalizámos de acordo com o uso moderno a representação da vogal oral fechada posterior em posição átona, grafando *fugir* em vez de *fogir* e *cobrir* em lugar de *cubrir*;

2. Normalizámos as grafias alternantes das vogais nasais: seguidas de *m* ou *n* antes de consoante, de *m* em final de palavra, com til antes de vogal *e*, em palavras como *manhã*, em final de vocábulo;

3. Relativamente às formas femininas do artigo e do pronome indefinido, os testemunhos manuscritos oscilam entre a sua representação em hiato — (*h*)*ũa*, *algũa* — e a grafia com a consoante nasal bilabial. É sabido contudo que o desenvolvimento da consoante em causa terá ocorrido nos finais do século XVI, ainda que a grafia moderna tenha tardado a generalizar-se. Optámos assim pela grafia moderna dessas formas;

4. Substituímos *o* y *y* por *i*, em palavras como *rayar*;

5. Normalizámos a representação dos ditongos nasais, de acordo com a norma actual: vogal seguida de *e* (*e*, mais raramente, de *i*) ou de *o*, com til sobre a primeira, ou vogal seguida de *m* ou *n*. Assim, *nam* e *queirão* passaram a *não* e *queiram*;

6. Modernizámos a grafia dos ditongos orais, representando com *i* e *u* as semivogais;

7. Relativamente aos ditongos orais crescentes, em regra pouco estáveis, optámos também por representar a semivogal através de *u*, à excepção dos casos em que a grafia actual conservou o *o*, como acontece em *mágoa*;

8. Na medida em que correspondem a realizações alternantes, conservámos certas formas arcaicas de grafia dupla, como a oscilação entre *e* e *i* (*desgraça* / *disgraça*);

II. Consoantes

9. Dado tratar-se de um mero diacrítico sem valor fonético, regularizámos o emprego do *h* de acordo com a norma actual. Eliminámo-lo, designadamente em posição inicial (como nas formas do verso *ser*), em posição intervocálica (como em *sahir*) e nos chamados dígrafos helenizantes, como *th* (*cithara*); introduzimo-lo em casos como *orizonte*;

10. Por não serem reflexo da pronúncia, simplificámos formas ortográficas latinizantes, como as consoantes dobradas, exceptuando *r* e *s* em posição intervocálica e com valor, respectivamente, de vibrante múltipla e sibilante surda. Assim, por exemplo, *pello* > *pelo*; *immenso* > *imenso*; *innocente* > *inocente*;

11. Por serem meros latinismos gráficos, simplificámos de acordo com a norma moderna grupos em posição medial como *-ct-* (*afflicto* > *afrito*) e *-pt-* (*discripsão* > *discrição*). Mantivemo-los em todos os casos previstos no uso actual;

12. Representámos as oclusivas velares segundo o uso moderno: *qu* e *gu* antes de *e* e *i*; *c* e *g* antes de *a*, *o* e *u* (*Lachesis* > *Láquesis*);

13. Regularizámos também a representação das fricativas alveolares, pelo que *duvidozo* passou a *duvidoso*;

14. Conservámos certas formas arcaicas ou populares de grafia dupla, na medida em que parecem corresponder a realizações alternantes. É o caso das ocorrências metatáticas do grupo consoante + *r*, como em *pertender* e *tromento*;

III. Aspectos morfológicos

15. Separámos e unimos as palavras de acordo com o uso moderno, escrevendo, por exemplo, *enquanto* em lugar de *em quanto*;

16. Desenvolvemos as abreviaturas, aliás pouco frequentes e de fácil resolução;

17. Distinguímos, de acordo com a grafia actual, as interjeições *ó* e *oh*, reservando a primeira para uma função de invocação, e a segunda para enunciados que traduzem espanto, alegria ou desejo;

IV. Diacríticos

18. Regularizámos o uso dos acentos;

19. Eliminámos o apóstrofo em contracções do tipo de *d'elle*;

20. Regularizámos a utilização do hífen, designadamente para separar os pronomes enclíticos e mesoclíticos;

V. Maiúsculas e pontuação

21. Evitámos introduzir modificações no que respeita ao uso da maiúscula, pelo que — atendendo também ao seu provável valor expressivo — preferimos mantê-la mesmo nos casos que se afastam do uso actual. Apesar disso, tentámos contrariar a diversidade de práticas nos testemunhos, generalizando o uso da maiúscula no início de cada verso;

22. Cientes de que a pontuação intervém na configuração rítmica e entonacional do verso e tem reflexos sobre a sintaxe e a semântica, procurámos intervir o mínimo possível neste aspecto. Apesar disso, não renunciámos à tentativa de estabelecer algum compromisso entre aquilo que os testemunhos revelam ser os hábitos da época e as normas actualmente em vigor. Assim, nos frequentes casos em que os dois pontos desempenham uma função hoje atribuída ao ponto e vírgula, substituímos aquele sinal por este. Por outro lado, suprimimos a vírgula antes das conjunções *e*, *ou*, *nem* e *que*, à excepção dos casos previstos na norma actual e ainda nos momentos em que um critério melódico parece impor esse sinal de pontuação.

3. Apresentação do texto crítico e do aparato

Ordenámos os seis poemas de D. Vicente de Sousa Coutinho de acordo com as indicações fornecidas pelos testemunhos manuscritos, colocando em primeiro lugar a écloga e depois os cinco sonetos.

A edição de cada texto terá quatro partes:

1. Um número de ordem — contínuo —, que servirá para a identificação do texto.
2. A relação dos testemunhos que transmitem o poema, apresentada em corpo menor. A sua citação é feita de acordo com o sistema de siglas e de abreviaturas já apresentado. Dado que há quase sempre divergências significativas entre os testemunhos, estes receberão como siglas identificativas letras maiúsculas impressas em itálico. Esta tarefa de atribuição de siglas será feita poema a poema. As versões muito próximas receberão como sigla a mesma letra, que contudo será seguida de um número individualizador, colocado abaixo da linha. Reservaremos sempre o *A* para designar o testemunho que escolhermos como base. A atribuição das restantes letras do alfabeto será feita em função do grau de proximidade dos outros testemunhos perante *A*.
3. Seguir-se-á, em corpo maior, o texto crítico, com os seus dois momentos: a legenda, caso exista, e o poema propriamente dito, com os versos numerados à esquerda de 5 em 5. As emendas que tivermos efectuado virão, sempre que possível, assinaladas já no próprio corpo do poema: para as supressões usaremos as chavetas e para as adições os colchetes.

4. Virá depois, ao fundo da página, separado por uma linha e em corpo menor, o aparato crítico. Tivemos duas preocupações centrais na sua organização: por um lado, fornecer ao leitor todos os elementos em que nos apoiámos, de forma a que ele pudesse julgar o nosso trabalho e, eventualmente, fazer opções diferentes das nossas; por outro, evitar possíveis dificuldades de leitura e assegurar uma percepção literal do texto tão boa quanto possível. O nosso modelo de aparato comporta quatro partes, vindo cada uma delas separada da seguinte por uma linha de intervalo:

- a) O aparato das variantes, que será do tipo negativo, isto é, só anotaremos as lições divergentes. Apresentaremos as variantes de acordo com as mesmas regras utilizadas para a transcrição do texto crítico e só daremos conta das que forem significativas. Este aparato das variantes tem, por assim dizer, dois momentos, correspondentes ao paratexto e ao texto propriamente dito. A chamada do primeiro desses elementos será feita por intermédio da palavra *Legenda*, impressa em itálico e seguida de um ponto final. A chamada do texto propriamente dito será feita pelo número do verso, também seguido de um ponto final. A identificação do lema far-se-á de forma a não suscitar nenhuma dúvida. O lema será seguido de um meio colchete, vindo imediatamente depois a variante e a sigla que a identifica. Se um lema tiver duas ou mais variantes, estas serão consecutivamente apresentadas, sem que entre elas exista qualquer sinal de pontuação. Entre o lema, a(s) variante(s) e a(s) sigla(s) também não haverá nenhum sinal de pontuação, a menos que a(s) variante(s) em causa diga(m) respeito a um sinal desse tipo. O lema e a(s) variante(s) serão impressos em redondo, ao passo que as siglas identificativas das variantes virão em itálico. Havendo necessidade de anotar variantes para mais do que um lema do mesmo verso, a passagem de um ao outro será assinalada por intermédio de uma vírgula, colocada depois da última sigla da variante do lema anterior. Nos casos em que um testemunho tenha uma versão de um verso ou da legenda muito diferente da apurada, dispensaremos o recurso ao lema e apresentaremos, na linha inferior àquela em que vierem outras versões confrontadas com lemas, todo o verso ou toda a legenda da versão divergente. Eventuais observações da nossa responsabilidade virão em itálico.
- b) A justificação das emendas que tivermos efectuado.
- c) As notas que entendemos necessárias para o esclarecimento de qualquer aspecto do texto. Poderemos também incluir neste espaço alguma observação sobre irregularidades — gramaticais, métricas, acentuais — dos versos.
- d) Um breve apontamento sobre a poética do texto.

IV. EDIÇÃO CRÍTICA

1. Égloga *Já quando a estrela da manhã raiava*

Testemunhos manuscritos: BNL, 11594, f. 18r-19v = A / BPMP, 1129, p. 182-187 = B /
BNL, 11491, p. 101-109 = C

Versão de A

Égloga

Já quando a estrela da manhã raiava
Pela parte do Céu em que abre o dia
O ardente sol, que {a}inda encoberto estava,

5 E a duvidosa Luz não bem podia
Romper o branco e denso nevoeiro
Que ao sossegado Tejo então cobria;

O Pastor Álcio, num erguido outeiro,
Que à vista um longo vale oferecendo
Fica do rio à praia sobranceiro,

10 Triste se assenta ali; logo estendendo
Os lagrimosos olhos seus em torno,
Com eles diz adeus ao que ia vendo.

15 O amor, que cruelmente fez suborno
Contra o Pastor com a fortuna avara,
O desterra do Tejo e seu contorno.

3. {a}inda] ainda *A*

4. E a duvidosa] E duvidosa *B*

6. Que ao] Que o *B*

3. A aférese é imposta pela métrica.

E quando melancólico repara
No vale em que até ali feliz vivera,
Na praia em que contente já cantara,
20 Vê que o rebanho seu, que a outrem dera,
Para subir à altura em que ele estava,
Pelo ter conhecido se acelera.
Como este triste objecto a dor lhe agrava,
Agora a vista, agora as costas volta
Para o rebanho seu que tanto amava.
25 Enfim, a voz em lágrimas envolta,
Depois que os olhos pôs no manso gado,
O infeliz Álcio deste modo a solta:
«Ficai, cordeiros meus, rebanho amado,
À discrição do tempo e da fortuna;
30 Mal posso já de vós tomar cuidado.
«Aquele imensa dor que me importuna
A cada instante quer também agora
Que de vós para sempre eu me desuna.
«Quanto, ó rebanho meu, melhor vos fora
35 Terdes outro Pastor mais venturoso
Que vos acompanhasse a toda a hora!
«Eu, já que o Céu me fez tão desditoso,
Fujo por vos não dar experiência
Do que é sofrer estado tão penoso.
40 «Bem vos ouço balar; essa inocência

38. Fujo por] Fujo para *B*

Este meu triste coração traspassa
E faz maior a mágoa desta ausência.

45 «Mas é força partir; a sorte faça
Que quando assim perdeis o Pastor vosso
Não venhais a sentir dele a desgraça.

«Eis aqui todo o bem que dar vos posso,
Enquanto tristes lágrimas lançando
Estes ares abalo e ao Tejo engrosso.

50 «Ai, querido rebanho! Estais olhando
Para mim como quem saber deseja
Se poderei tornar. Ah!, não sei quando.

«Permita o Céu que algum Pastor vos veja,
Pastor que fosse meu ou vosso amigo;
Se isto não for, que compassivo seja.

55 «Que diga, se vos vir: “No tempo antigo
Este entre nós era o melhor rebanho;
Pelo que foi, merece algum abrigo.

60 «“Álcio, seu dono, teve um mal tamanho
Que obrigado a fugir da pátria terra,
Entregou tudo a um pegureiro estranho”.

«Essas Pastoras que este vale encerra

48. e ao] e o *B*

49. Estais] Estás *B*

51. tornar] voltar *B*

56. entre nós] entre os mais *C*

58. seu dono] saudoso *C*

59. pátria terra] própria terra *B*

60. a um pegureiro] a Pegureiro *B*

Dirão também: “Rebanho desgraçado,
Só te perdeu quem ao Pastor desterra.

65 «“Fujamos de chegar ao mesmo estado;
Amor, que foi para o Pastor funesto,
O foi também para o inocente gado”.

«Sim, Pastoras, se não vos for molesto,
Farei para desculpa da fugida
Que o meu mal seja a todos manifesto.

70 «Quem me fez ódio ter à própria vida,
Depois de me roubar a Liberdade,
Faz {com } que do meu rebanho eu me divida.

75 «Oh, da sorte cruel desigualdade!
Eu sou o que padeço toda a pena,
Sendo de Armida o crime e a falsidade.

«Pois que sem culpa a sorte me condena,
Só descarregue em vós, rebanho amado,
De meu castigo a parte mais pequena.

80 «Gostai das tenras ervas desse prado;
Ide-vos empinar nos altos montes;
Não haja para vós lugar vedado.

63. ao Pastor] teu Pastor *B*

68. fugida] partida *B* fadiga *C*

72. Faz {com } que] Faz com que *A*

79. Gostai] Pastai *C*, desse] deste *C*

81. vedado] sagrado *C*

72. A métrica impõe esta emenda.

«Ide alegres beber às puras fontes,
Quando do claro sol o raio ardente
Mais distante estiver dos horizontes.

85 «Oh!, nunca vós sintais que estou ausente,
Por mais que queiram vir-vos à lembrança
Os sons que já cantei alegremente.

90 «Vós {a }inda podeis ter uma esperança
De achar outro Pastor; eu no destino
Talvez nunca exp’rimente uma mudança.

«Eu só fui o infeliz, pois imagino
Saber, ó Céu!, que não tiveste parte
Do meu injusto amor no desatino.

95 «Já que Amor manda que daqui me aparte,
Ó Pã, ó Deus do gado e dos Pastores,
Benigno o teu amparo a este reparte.

«Concede ao meu rebanho os teus favores;
Ache a sua inocência em ti piedade
Mais do que exp {e }rimente nos meus amores.

100 «O voraz Lobo, a horrenda tempestade,
Nunca venham sobre ele; em mal tamanho

82. alegres] alegre *C*

85. ausente] distante *C*

88. {a }inda] ainda *A C*, ter uma esperança] ter esperança *C*

92. ó Céu!] o Céu *C*, tiveste] tivesteis *B*

93. Do meu] De meu *B*

88. A aférese é imposta pela métrica.

99. A métrica torna obrigatória esta síncope.

Sinta eu somente toda a adversidade.

«Enquanto eu assistir num vale estranho,
Cante de algum Pastor a voz sentida:

105 “Pã, tem mais compaixão deste rebanho
Do que teve com Álcio a ingrata Armida”».

A égloga é formada por decassílabos, agrupados em tercetos e numa quadra final. Os primeiros obedecem ao esquema rimático ABA, sendo que B é sempre retomado como A da estrofe seguinte. A quadra apresenta como modelo rimático ABAB.

2. Soneto *Em teu louvor, belíssimo Portento*

Testemunhos manuscritos: BNL, 8610, p. 345 = BNL, 11594, f. 20r = A / BPMP, 1129, p. 295 = A₁

Versão de A

Em teu louvor, belíssimo Portento,
Na ribeira do Tejo amena e fria,
Cantei tão docemente que fazia
Parar o Rio, suspender o vento.

5 Para ouvir-me, do líquido elemento
Saíram Semidoce e Nemoria
E qualquer d’Elas repetir queria
As cláusulas do métrico Instrumento.

10 Ali nas mãos das Tágides sagradas,
À vista desse Deus cujo Tridente
Governa sobre as ondas encrespadas;

Jurei que a minha Cítara somente,
Com vozes numerosas concertadas,
Cantaria teu nome eternamente.

10. À vista] E à vista A₁

6. Semidoce — É possível que se trate de uma variante de Cimódoce, uma das Nereides.
Nemoria — Talvez seja variante de Neomeris, outra Nereide.

ABBA / ABBA / CDC / DCD.

Domina o decassílabo heróico, mas são sáficos os v. 4 e 7.

3. Soneto *De teus anos no círculo doirado*

Testemunhos manuscritos: BNL, 11594, f. 20r-20v = A / BNL, 8610, p. 346 = A, /BPMP, 1129, p. 296 = B

Versão de A

De teus anos no círculo doirado
Láquesis teça o estema permanente
E a teus pés veja sempre reverente
O enorme aspecto do medonho fado.

5 O tempo corra rápido e apressado
Se estiveres aflita e descontente;
Mas quando alegre, quando felizmente,
Retarde o movimento acelerado.

10 Alargue as mãos a cândida ventura,
Desterrem-se os horrores da tristeza,
Logra de um fino amor a fé segura.

Mude-se em teu favor a natureza,
Faça-se momentânea a desventura,
Seja só perdurável a beleza.

Legenda. A uns Anos A,

2. permanente] permatente B

3. veja] vejas B

6. e descontente] ou descontente B

2. Láquesis — Uma das três Moiras, a quem competia cortar o fio da vida.

ABBA / ABBA / CDC / DCD.

Domina o decassílabo heróico, mas é sáfico o v. 4.

4. Soneto *Em que medonho abismo estou metido?*

Testemunhos manuscritos: BNL, 11594, f. 20v = A / BPMP, 1129, p. 297 = B

Versão de A

Em que medonho abismo estou metido?
Não tem lugar a habitação do mundo
Nas entranhas da terra ou {do} mar profundo
Mais triste, mais horrendo, mais temido.

5 Parece-me que vejo escurecido
Esse globo estelífero e rotundo
E que de Jove o braço furibundo
Está do aceso raio denegrido.

10 Já não brilha a celeste amenidade
Com que o campo bordado de boninas
Mostrava uma formosa variedade.

Combatem-se as esferas cristalinas;
Se isto não é debuxo da saudade,
Será presságio de futuras ruínas.

2. tem lugar a] tem a B

3. ou {do} mar] ou do mar A

6. Esse] Este B

8. denegrido] furibundo B

3. Esta supressão é imposta pela métrica.

14. A métrica torna obrigatória a sinérese na palavra final.

ABBA / ABBA / CDC / DCD.

Domina o decassílabo heróico, mas são sáficos os v. 2 e 14.

5. Soneto *Tenha-te o fado, ó Mânlio ilustre, isento*

Testemunhos manuscritos: BPMP, 1129, p. 298 = A / BNL, 11594, f. 20v-21r = B

Versão de A

Tenha-te o fado, ó Mânlio ilustre, isento
Da dor que me consome e me trespassa
E de bens {d} a fortuna nunca escassa
Iguale a dita ao teu merecimento.

5 Pague-te Nise o nobre rendimento
E de teu fino amor se satisfaça,
Que eu metido no centro da desgraça,
Não quero nada mais que o meu tramento.

10 Para mim não pertendo outra ventura
Que firme conservar a triste ideia
Da inconstância fatal da formosura;

Que o aflito pensamento se recreia,
Por não dar mais um triunfo à desventura,
Em fingir como minha a glória alheia.

3. {d} a fortuna] da fortuna A
10.-14. *Faltam estes versos em B*

3. Supomos que se trata de um lapso do copista.

13. A métrica impõe a sinérese em *triunfo*.

ABBA / ABBA / CDC / DCD.
Todos os versos são decassílabos heróicos.

6. Soneto *Aqui jaz nesta pedra ilustremente*

Testemunho manuscrito: BPMP, 1129, p. 299

Aqui jaz nesta pedra ilustremente
O coração de Castro sepultado,
Das mais porções do corpo separado,
Das ruínas do tempo independente.

5 Tendo vencido a Mauritana gente
E o respeito das Quinas dilatado,
Foi ver do Sol o tálamo dourado
Forte, animoso, intrépido e valente.

10 O morgado que deixa aos {seus} sucessores
É a glória imortal que se derrama
Do mundo pelos âmbitos maiores.

Inda que se apagasse a clara chama,
Verdes conserva os louros triunfadores,
Se lhe serve de alento a própria fama.

9. Sem esta emenda, o verso ficaria com 11 sílabas. Supomos que se trata de uma gralha do original.

2. Castro — Pensamos que se trata de Francisco de Melo e Castro, filho do 4.º Conde das Galveias, que nasceu em Estremoz em 1702, vindo a falecer em data e local desconhecido. Serviu no Ultramar, governando a capitania dos Rios de Sena entre 1740 e 1745, após o que seguiu para a Índia. Regressa a Moçambique, como governador, em 1750. Dois anos depois a província deixaria de estar na dependência do vice-rei da Índia, tornando-se Melo e Castro o primeiro governador e capitão-general do território. Regressaria a Portugal em 1758.

ABBA / ABBA / CDC / DCD.
Domina o decassílabo heróico, mas é sáfico o v. 5.

V. BIBLIOGRAFIA

A. Testemunhos manuscritos

I. Biblioteca Nacional de Lisboa

1. Cod. 8610
2. Cod. 11491
3. Cod. 11594

II. Biblioteca Pública Municipal do Porto

4. Ms. 1129

B. Ensaio com elementos para o estudo de D. Vicente Coutinho

BEIRÃO, Cândido

(1944³) *D. Maria I, 1777-1792 — Subsídios para a revisão da história do seu reinado*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade

COELHO, Latino

(1874-1891) *História Política e Militar de Portugal desde os fins do século XVIII até 1814*, 3 vols.; Lisboa, Imprensa Nacional

COUTINHO, D. Vicente de Sousa

(1990) *Diário da Revolução Francesa*, leitura diplomática, enquadramento histórico-cultural e notas de Manuel Cadafaz de Matos; Lisboa, Távola Redonda

PINTO, Albano da Silveira

(s.d.) *Resenha das Famílias Titulares e Grandes de Portugal*, tomo I, Lisboa, Empresa Editora de Francisco Arthur da Silva

SANTOS, Maria Áquila Neves dos

(1970) *Pré-revolução e Revolução em França (1788-1789) — A óptica do Embaixador Sousa Coutinho*, dissertação de Licenciatura em História; Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.